

## ALEGADAMENTE PARA NÃO SER QUESTIONADO SOBRE AS MANIFESTAÇÕES

## Guebuza “escuda-se” na austeridade para gazetar à Assembleia da ONU

... contenção deve contemplar viagens de helicópteros

ALVARITO DE CARVALHO

Numa medida bastante contestada por alguns membros da Comissão Política da FRELIMO próximos da “ala deixa-andar”, o Presidente da República Armando Emilio Guebuza gazetou a Assembleia Geral das Nações Unidas (ONU), supostamente em cumprimento da medida de austeridade adoptada pelo seu executivo no âmbito das manifestações sangrentas ocorridas nos dias 01 e 02 de Setembro corrente.

Membros do *partidão* devidamente identificados e que solicitaram anonimato por motivos de elegância admitiram a possibilidade de Armando Guebuza ter faltado à Assembleia Geral da ONU alegadamente para evitar ser questionado sobre o banho de sangue e balas de chumbo utilizadas pelas autoridades policiais na retaliação das manifestações.

“A austeridade evocada pelo Governo para o Presidente faltar à presente edição da Assembleia Geral da ONU é uma farsa”, sublinhou a fonte para em seguida recordar que o país nunca havia sido fustigado por uma onda de manifestações populares que resultaram numa dezena de mortos.

**Quo vadis Índia?**

Num outro diapasão, as fontes do nosso jornal manifestaram seu desagrado em virtude de Armando Guebuza

ter optado por viajar para Índia em detrimento das Nações Unidas.

“Seria mais rentável para o país o camarada Presidente da República participar na Assembleia das Nações Unidas do que a viagem presidencial à Índia”, compararam, para recordar que, enquanto nas Nações Unidas foram debatidos os Objectivos de Desenvolvimento do Milénio, a visita à Índia tem como agenda cimentar as relações bilaterais entre ambos os países.

“Mais do que fortificar as relações bilaterais suspeitamos que o objectivo primordial da deslocação presidencial a Nova Deli é empresarial”, concluiu.

**Paradoxo**

A ausência de Armando Guebuza na Assembleia das Nações Unidas sob alegações de conter as despesas públicas não deixou de ser um paradoxo, atendendo que uma semana antes membros do partido Frelimo a diferentes, senão todos os níveis teriam sido chamados a Maputo com viagens, alojamentos e outras despesas pagas pelo Estado, com alegações de que era para tomarem parte na reunião do Conselho de Ministros Alargado, onde seriam transmitidas as decisões do Governo sobre a contenção de despesas públicas.

Num país em que se pretende uma contenção de despesas para os cofres do Estado, tal reunião do Conselho de Ministros foi

mais dispendiosa do que de contenção.

Contudo, importa dar a saber que a referida reunião não foi alargada aos

deputados da Assembleia da República, aos presidentes dos municípios municipais, membros das Assembleias Provinciais, sociedade

civil, grupos juvenis, e até aos partidos políticos, os verdadeiros interlocutores do Governo na matéria da gestão do Estado.

## Guebuza deve abandonar gabinete aéreo...

Porém, apesar das virtudes que lhe são reconhecidas no seu trabalho, mormente na governação aberta e alocação dos sete milhões de ajuda aos distritos no alívio à pobreza, o homem dificilmente separa nas suas funções o papel de estadista, de *business man* e de presidente do partido, o que lhe tem retirado algumas das suas grandezas. Convenhamos: Armando Emilio Guebuza deu um outro impulso à governação da nação, mas peca por defeitos derivados das nuances aqui enunciadas...

Armando Guebuza, 67 anos de idade e antigo combatente pela causa da libertação do país, foi pela segunda vez escolhido pelo povo para mais um mandato, o último, a julgar pela Constituição da República. Carismático para uns e duro para outros, Guebuza assume-se como o Presidente que trouxe viragem para a sociedade de consumo, afinal ele próprio é um forte fomentador de negócios no panorama empresarial moçambicano, detendo acções em variadíssimas empresas de ramos diversos.

Dado o seu arcoaboiço

no mundo de negócios, Armando Guebuza é provavelmente um dos homens mais ricos do país (começou por criar patos), pecando nalguns casos na forma como esses seus negócios interferem no sistema político.

**Guebuza continua a esbanjar erário público**

O Presidente da República quando sai em visitas de Estado faz comícios do partido. Dificilmente consegue separar quando está em missão do Estado e do partido. Mistura as coisas!

Armando Guebuza anda com quatro helicópteros quando vai às províncias, esbanjando fundos públicos. Guebuza parece ainda não ter se apercebido que não fica bem viajar pelas províncias com quatro helicópteros. Um é quanto basta para um país como o nosso, que vive de mãos estendidas à caridade internacional.

Nas viagens em missão partidária, o cidadão utiliza viaturas do Estado, e nalguns casos são decretadas tolerâncias de ponto apenas para atender às visitas do presidente do partido...

**Gastos da presidência aberta**

É mais uma despesa fútil e totalmente desnecessária. São custos que os moçambicanos pagam com os seus impostos, com propósitos de encher um tambor furado. Mesmo na Europa, tanto o Presidente da República como o primeiro-ministro para se deslocar ao estrangeiro precisa de ter um *aval* da Assembleia da República. E, mesmo assim, poucas vezes viajam... estamos a fazer o contrário na luta contra a pobreza, estamos a semear a pobreza. O passo já foi dado. Assim, o PR pode ter mais tempo para cuidar internamente da criação dos seus patos.

Há muito abuso de poder em Moçambique. Sabiam que em cada viagem do Presidente compra-se loiça nova para as recepções nas cidades, províncias e nos distritos?!!

As presidências abertas são excelentes oportunidades de contacto directo com o povo, porém, há dois problemas fundamentais a ter em conta: primeiro, são um exercício abusivo de despesas – “sem igual na história recente do país” – no preciso momento em que gritamos que a crise

internacional nos bate à porta, exercício abusivo que exige alugar quatro helicópteros ao estrangeiro e mobilizar

“autênticos contingentes humanos”; segundo, traduzem um “micro-gerenciamento” de assuntos que competem ao dia-a-dia dos chefes de posto, administradores, governadores, dos ministros, etc. Não é de presidências que precisamos, mas de “políticas públicas correctas e racionais, implementadas por dirigentes competentes e empenhados, guiados por princípios de rigor, transparência, prestação de contas, e responsabilização individual e abertura”.

São uma operação programa de mobilização do voto rural como forma de evitar a repetição do *score* mediocre obtido nas presidenciais e que consiste em: distribuir recursos de forma populista; realizar e inaugurar grandes projectos que na sua maioria não têm impacto real para o camponês, mas dão um ilusão de que é por aí que a pobreza será combatida e consolidar o papel de “chefe”, acima de tudo e de todos, motor da máquina, simultaneamente o presidente-chefe do governo-inspector.

## Afonso Dhlakama faz política de avestruz

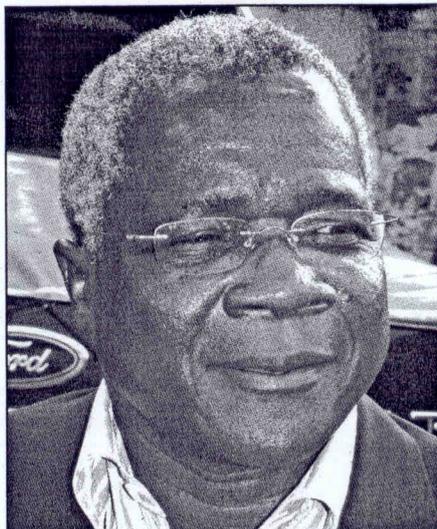
Afonso Marceta Macacho Dhlakama, depois de mais uma derrota nas eleições legislativas moçambicanas (perde desde 1994), assume-se como autêntico trópego, caminhando para o seu próprio sepulcro, arrastando consigo um grupo de indivíduos que mais não são do que verdadeiros palhaços políticos, que influenciados negativamente pelo seu líder pisam a cada dia que passa o terreno do cadafalso.

Contrariamente ao que se podia esperar de um líder da oposição, Dhlakama não rosnou grandes discursos em redor das últimas manifestações, limitando-se, lá do seu tuguírio, em Nampula, a fazer alguns disparos sem norte. A Renamo assim como está já não é menu político deste país. É antes de tudo um covil de lobos mal intencionados que andam a enganar o povo. Não se sabe por que carga de água a Renamo ou, melhor, seu líder se comporta assim, augurando por outro lado ser simpático da

democracia.

**Chegou o fim da macacada, senhor Afonso Dhlakama!!!**

Afonso Dhlakama, ao que tudo indica, tem se mantido calado não só porque se encontra em desavenças familiares, como também, se calhar, porque, diferentemente de Joaquim Chissano, Armando Guebuza não lhe dá cavaco, pois, segundo vozes, sempre que DHL ameaçasse o país, o ex-presidente mandava para a conta deste alguns cobres, a



razão deste sempre o tratar de meu irmão Chissano. Mudaram-se os tempos e Guebuza não lhe dá trela. Alguém por acaso já alguma vez ouviu DHL nos últimos anos dizer meu irmão Guebuza? Fechou-se a torneira e o bolso está à míngua.

A Renamo está em fase de podridão. Afonso Dhlakama, depois que venceu Rogério Francisco João, seu adversário nas eleições internas do partido, agradeceu a confiança que os militantes do partido depositaram em si para continuar a dirigir os destinos do partido. Só que de lá até aos dias de hoje tanta coisa mudou. E o chefe não apresenta soluções. Ademais, a saída de Dhlakama para Nampula, onde vive com nova esposa, está a trazer problemas de gestão na casa de Maputo, onde o lixo é um dos indicadores de que algo vai mal

na capoeira da perdiz.

Na sua primeira intervenção para os 300 delegados que participaram no congresso depois de ser reeleito, aquele dirigente máximo do partido manifestou um desapontamento face ao reduzido número de deputados que o seu partido ostenta na Assembleia da República.

“Há um fenómeno estranho que está a acontecer conosco e que tem que parar. Não é possível admitir que um partido com a dimensão da Renamo, o maior da oposição e um dos mais referenciados no Continente Africano, tenha quatro deputados em representação da Zona Sul. Não podemos admitir que isso se repita nas próximas ocasiões, por isso apelo-vos para que trabalhem seriamente para se inverter esse cenário negativo”, disse na altura Dhlakama.